



Paulo Freire: por uma educação amorosa!

Ofélia Maria Marcondes

Tenho o direito de ter raiva, de manifestá-la, de tê-la como motivação para minha briga tal qual tenho o direito de amar, de expressar meu amor ao mundo, de tê-lo como motivação de minha briga porque, histórico, vivo a História como tempo de possibilidade não de determinação.

Paulo Freire (1996, p. 30)

Em 2021 comemoramos o centenário de seu nascimento e é preciso lembrar que Paulo Freire foi declarado pelo Congresso Nacional, em 2012, o patrono da educação brasileira, sendo o pensador brasileiro mais laureado com títulos de *doutor honoris causa* no mundo: pelo menos 35 universidades, de diversos países, já fizeram homenagens a ele. Em 2018, comemorando-se os 50 anos de *Pedagogia do Oprimido*, o Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana (Cesteh) publicou:

De acordo com levantamento do pesquisador Elliott Green, professor da Escola de Economia e Ciência Política de Londres, na Inglaterra, o livro fundamental da obra do educador, *Pedagogia do Oprimido*, escrito em 1968, é o terceiro mais citado em trabalhos acadêmicos na área de humanidades em todo o mundo¹.

¹ Fonte: <http://www.cesteh.ensp.fiocruz.br/noticias/paulo-freire-como-o-legado-do-educador-brasileiro-e-visto-no-exterior>

Foi e é perseguido por aqueles que defendem um mundo dividido por privilégios e que não conseguem ver em Paulo Freire o esforço de “humanização do homem”. Nas palavras do próprio pensador sobre as perseguições que sofreu e seu exílio: “Manifestações desta natureza feitas por homens comuns levaram os que defendem um mundo dividido por privilégios inconfessáveis e sem amor a vislumbrar em nosso esforço de humanização do homem “uma subversão” da ordem” (FREIRE, 1982, p. 71, grifo do autor), uma ordem que desumaniza, constituída por desamor (que não é ódio, propriamente dito) e consolidada ao semear a desesperança.

Falar de Paulo Freire nestes tempos obscuros e de medo é assumir que “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (FREIRE, 2019, p. 127). Justamente por não temer o debate é que este ensaio traz à tona o tema da educação como uma educação amorosa, destacando “amor” como uma categoria filosófica no pensamento de Freire, um prisma pelo qual o filósofo analisa a realidade e estabelece relações entre o pensar e o fazer, entre opressão e libertação, conservação e transformação. Mais do que um conceito geral, “amor” ocupa papel central na filosofia freiriana ao se compreender que educação é um compromisso com a vida e com a transformação social, é o que dá sentido às ações, à biopolítica, à ampliação de direitos, à libertação. Educação é a práxis da filosofia. Em outras palavras, é na esfera do ato educativo que exercitamos a filosofia e que, num processo dialético, filosofia e educação se constituem.

Pretendo discutir a perspectiva de uma educação amorosa naquele sentido em que Torres compreende o estudo das teses de Freire: “para usar uma frase muito apreciada por ele, *reinventar e não repetir Paulo*” (TORRES *et al.*, 2008, p. 42). Citar Freire para reinventá-lo, para resgatar seu pensamento de modo a contribuir para a própria reinvenção da educação; uma educação para a libertação, para a equidade, para uma democracia solidária e cooperativa; uma educação amorosa que supera o amor cristão, o amor romântico, o amor piegas, o amor apaixonado, até mesmo o amor materno-paterno-filial ou aquele se confunde com o desejo, e mais, também não é o amor fraternal entendido como universal ou de uma amizade profunda; nem *eros*, nem *philia*, nem *ágape*. Não se trata de “um amor maior”, transcendente e nem tampouco de um sentimento narcísico, “um amor menor”. Antes, procuro apresentar e resgatar o amor pelas gentes que transforma realidades. Ser amoroso é ser respeitoso e lutar contra as injustiças. E amar as pessoas não é algo

fácil, exige dedicação, desprendimento... Paulo Freire foi um pensador crítico e defendeu as marchas, a diversidade, a luta, a liberdade de pensamento, a democracia, a autonomia sem nunca deixar de ser um intelectual amoroso.

Parto da própria definição de amor apresentada por Freire (1982, p. 29): “O amor é uma intercomunicação íntima entre duas consciências que se respeitam”. Opto por discutir “amor” no pensamento de Paulo Freire a partir de cinco (5) livros que considero muito significativos: o primeiro que Freire publicou, em 1967: *Educação como prática de liberdade*; o mais famoso, escrito em 1968: *Pedagogia do Oprimido*; o mais querido: *Educação e mudança*, de 1979; o último por ele publicado: *Pedagogia da autonomia*, de 1996; aquele publicado após sua morte: *Pedagogia da indignação*, em 2000. Extraio dessas obras importantes referências para que possamos compreender o que é uma educação amorosa e em que medida ela pode ser entendida como uma educação libertadora.

Em sua antropologia, Paulo Freire nos coloca diante do ser humano² e sua incompletude, seu inacabamento, sua finitude, sua temporalidade, sua historicidade, capaz de transcendência no sentido de auto-objetivar-se, uma consciência de si que o leva à distinção de um “eu” e de um “não-eu”. É um ser de existência, no sentido de que existir “ultrapassa viver porque é mais do que estar no mundo. É estar nele e com ele” (FREIRE, 2019, p. 57). Estar no mundo e com o mundo exige um amor que é consciência e respeito porque somos seres de relações, de comunicação, de diálogo e de participação.

Os atos de guerra como a que estamos vendo entre Rússia e Ucrânia, o genocídio praticado durante a pandemia, a aprovação do uso de agrotóxicos, a permissão para restrição de atendimento à saúde, os deslizamentos de terra como os ocorridos em Petrópolis em fevereiro de 2022 que, por falta de vontade política, um acontecimento “natural” se transformou em tragédia... são exemplos de desamor com alcance social e o mesmo acontece nas esferas mais individuais, por assim dizer, como o feminicídio, o infanticídio, a homofobia, a violência contra pessoas negras, pessoas transgêneras, templos religiosos e tantos outros exemplos de falta de amor, desse “amor filosófico” de que tratarei aqui.

² Uso “ser humano” ao me referir ao gênero humano, à humanidade. Opto para usar “homem” neste mesmo sentido apenas quando o autor o fizer.

Ao iniciar seu texto *Pedagogia do oprimido*, Freire diz ter plena consciência de que esta obra poderia provocar diversas reações entre seus leitores por ser um filósofo que se apresenta “falando em vocação ontológica, em amor, em diálogo, em esperança, em humildade, em simpatia” (FREIRE, 2015, p. 33), um filósofo que não nega sua amorosidade, sua forma de ver o mundo e a realidade pautada pela esperança.

Paulo Freire inicia sua obra *Educação como prática da liberdade* (2019, p. 51) afirmando que “não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio”, ou seja, é histórica, é contextual e contextualizada, não nos tornamos seres humanos fora das relações sociais. Em 1967, Freire escrevia que a sociedade brasileira era “intensamente cambiante e dramaticamente contraditória” (2019, p. 51) e ainda vemos isso na condução deste momento de pandemia, com contradições e até esvaziamento de valores como a vida que está sendo colocada abaixo das relações de mercado, reflexo da necropolítica, “da visão necrófila do mundo. Por isso é que seu amor [aquele das relações de opressão] é um amor às avessas – um amor à morte e não à vida” (FREIRE, 2015, p. 64); amor à morte e não à vida que se revela no genocídio, nas perseguições, nas guerras. Tenho que pontuar aqui que esse tipo de amor não é ódio, não é vingança e não é repulsa, é amor às ações que destroem o outro em benefício próprio ou de um grupo, é parte de um certo amor narcísico.

Segundo Freire, a necrofilia engendra a formação de seres humanos autômatos, coisificados, destruídos e cegos para sua condição humana. Uma política pautada pelo amor à morte é desamor porque efetiva ações de rebaixamento do ser humano, é ostensivamente desumanizadora, reduz o sujeito a mero objeto das relações econômicas e opera no sentido do esvaziamento de uma educação como instrumento de mudança e de libertação que seja desalienante. A educação libertadora se opõe a processos de domesticação e promove o ser humano como sujeito e como agente de sua história que, para Freire, é possibilidade e não determinação. O protagonismo do ser historicamente situado exige tomada de consciência e o tira da esfera do viver e o coloca na esfera da existência, da temporalidade. O ser humano, inacabado, é ser de possibilidades e, por isso, de transformação. Quando alienado, se compreende como sujeito determinado e acabado em seu processo de formação.

A sociedade justa, democrática, que defende uma vida digna para todas e todos é aquela em que não há justaposição dos indivíduos e que estabelece vínculos

amorosos que transformam as relações de opressão em relações de cooperação, de convivência autêntica, de emersão do tempo, que permite estar no mundo e com ele, e não de imersão no simples viver, destemporalizado. Para Freire (2019, p. 59), “O homem existe – *existere* – no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso num tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se”. O mecanismo de destemporalização do ser humano, próprio das relações de opressão, o coloca em processos de desumanização, de acomodação, de massificação que obscurecem “sua [do ser humano] vocação natural de integrar-se” (FREIRE, 2019, p. 61). Integração é a ação do ser humano com outros seres humanos no sentido de apreensão dos temas e das tarefas de seu tempo, as aspirações e anseios de sua época histórica; o “destino do homem deve ser criar e transformar o mundo, sendo o sujeito de sua ação” (FREIRE, 1982, p. 38). Esse vínculo amoroso entre as pessoas, no sentido de compromisso com seu tempo e com a vida, é o que gera libertação das relações de dominação e de opressão, promove a superação das expectativas alheias em direção à ação e à opção como sentidos da existência. Uma relação social amorosa é crítica, é humilde, é comunicativa.

O desamor nega ao outro o poder de optar, nega a voz, não dialoga, impõe o silêncio, tem como objetivos a docilização e a domesticação. “O discurso da acomodação ou de sua defesa, o discurso da exaltação do silêncio imposto de que resulta a imobilidade dos silenciados, o discurso do elogio da adaptação tomada como fado ou sina é um discurso negador da humanização” (FREIRE, 1996, p. 84), um discurso que convence por meio da construção de uma ideologia fatalista. Para Freire, o amor é reação contra a violência e contra todo tipo de silenciamento porque toda relação de opressão é violenta e quem define o que é violência é o próprio opressor, esse mesmo que retira a liberdade, que desumaniza, que reprime toda ação *da e para a* reflexão. A libertação é conquista dos oprimidos, é luta, é tomada de consciência; “Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista de falsa generosidade referida” (FREIRE, 2015, p. 43). Amor é luta, é superação das relações de opressão, é não-violência; amor é reação e não passividade, não acomodação, não aceitação; amor é mudança, transformação. Ao definir o que é violência, os opressores não se negam a usar termos como “selvagens”, “vândalos”, “meliantes”, “subversivos”, “essa gente” ao elaborar o

discurso em defesa do patriarcado, do patrimônio, das relações de poder estabelecidas, da ordem posta. Segundo Freire (2015, p. 59), “na resposta dos oprimidos à violência dos opressores é que vamos encontrar o gesto de amor” porque “enquanto a violência dos opressores faz dos oprimidos homens proibidos de *ser*, a resposta destes à violência daqueles se encontra infundida do anseio de busca do direito de ser” (FREIRE, 2015, p. 59, grifo do autor).

Como nos ensina Freire (1997, p. 8, grifo do autor), “É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em *amor* sem temer ser chamado de *piegas*, de *meloso*, de a-científico, senão de anti-científico”. Para Paulo Freire, somente havendo um vínculo amoroso entre as pessoas e o mundo é que se torna possível uma sociedade cooperativa e solidária, aberta ao novo e à transformação. Amoroso é sinônimo de um sentimento que agrega e que permite a convivência autêntica, aquela que é existir junto com, imerso no contexto e no mundo, parte dele, em diálogo com o mundo e com os outros, uma convivência outra que nega as relações de opressão e de silenciamento. Uma relação impregnada de amorosidade não nega o direito do outro, nem sua liberdade e muito menos sua voz. Assim, uma sociedade amorosa, uma política amorosa, uma educação amorosa são aquelas que promovem os sujeitos, que não negam direitos, que não negam opções, ao contrário, são promotoras de relações muitas vezes tensas e contraditórias, mas nunca, mecânicas. Uma educação que não oferece opções, deixa de ser amorosa para ser opressora. Uma sociedade que mata em nome de liberdade, não é uma sociedade amorosa. Um governo que não protege os mais vulneráveis, não é um governo amoroso. Toda relação amorosa exige diálogo que não esmaga o oponente, antes, ouve, argumenta.

Amor

é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico.

Como ato de valentia, não pode ser *piegas*; como ato de liberdade, não pode ser pretexto para a manipulação, senão gerador de outros atos de liberdade. A não ser assim, não é amor.

Somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor

que nela estava proibido.

Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não é possível o diálogo (FREIRE, 2015, p. 111).

Uma educação amorosa é, portanto, compromisso com os seres humanos e reage à violência de todo tipo, desde o silenciamento mais brando das vozes de seus sujeitos até a dominação hierárquica dos saberes; da falta de compreensão das angústias individuais à imposição rígida do cumprimento de atividades e avaliações que em nada dialogam com o processo formativo. Um educador amoroso, uma educadora amorosa são aqueles que não se acomodam na passividade dos processos institucionais ou das condições da própria educabilidade humana. Ser amoroso, amorosa significa defender a humanidade que há em nós, nem boa e nem ruim, mas histórica e processual. Para Freire (1982, p. 29), “Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita”. E nesse processo de reflexão sobre o papel docente *para e em* uma educação amorosa é que Freire indaga: “Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte?” (FREIRE, 1996, p. 75).

Vou propor uma reflexão: minhas ações desumanizam? Como professora, minha avaliação submete o outro a processos destrutivos? Sou arrogante, anticomunicativa, antidialógica? Em minhas aulas, não dou opções aos estudantes? Uso slogans e trato o conhecimento como verdades absolutas? Sou radical (e aqui nem tem aquele sentido clássico de ir à raiz de um problema)? Minhas aulas são discursivas? Trabalho sobre o estudante? Se você disse sim para uma dessas questões, considero que seja hora de refletir melhor sobre suas opções pedagógicas porque certamente você não é uma professora amorosa ou um professor amoroso. E mais, como posso avaliar o processo pedagógico de ensino-aprendizagem se mantenho, ou não, uma relação de amorosidade com o outro e com o mundo?

Em termos práticos, uma educação amorosa é crítica e criativa, permite que o outro se expresse, que seja sujeito efetivo de sua construção histórica. É possível afirmar que somente uma educação amorosa promove a troca de ideias, o pensamento autêntico (em oposição ao pensamento ingênuo ou mágico), a incorporação do

conhecimento pela busca e não pela imposição, a reinvenção do conhecimento; não trabalha sobre o estudante, mas com ele; discute temas e gera criticidade; estimula a busca, a recriação, a reinvenção, a pesquisa; coloca ênfase na experiência democrática da vida em sociedade com vistas à defesa do “ser mais”, da humanização do ser humano.

Ao propor uma pedagogia do oprimido com o oprimido, Freire contrapõe a educação libertadora, comprometida, amorosa à educação “bancária”, aquela em que as relações são extremamente hierarquizadas, antidialógicas, na qual o aluno, a aluna são objetos, e não sujeitos, da ação educativa, tendo o conteúdo como centro e ferramenta de conservação das relações de opressão e de dominação. A educação “bancária” retira a possibilidade de análise crítica da realidade, assim como retira a possibilidade de formação de seres autônomos capazes de tomada de decisões, seres de liberdade. Freire (1996, p. 121) nos ensina que “Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém” e disso decorre uma pedagogia da autonomia que estimula a experiência democrática, dialógica, na qual a fala e a escuta têm lugar garantido como esfera de integração e de amorosidade. Parafraseando Freire, numa pedagogia para a autonomia é que os educandos-educadores vão se tornando “seres para si”, reinventando as relações interpessoais ao invés de apenas reproduzir as relações de poder (FREIRE, 2000, p. 37).

Uma educação amorosa é dialógica, sempre! Segundo Freire (2015, p. 110), “Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também diálogo”.

O diálogo não pode existir sem um profundo amor pelo mundo e pelos homens. Designar o mundo, que é ato de criação e de recriação, não é possível sem estar impregnado de amor. O amor é ao mesmo tempo o fundamento do diálogo e o próprio diálogo. Este deve necessariamente unir sujeitos responsáveis e não pode existir numa relação de dominação. A dominação revela um amor patológico: sadismo no dominador, masoquismo no dominado. Porque o amor é um ato de valor, não de medo, ele é compromisso para com os homens (FREIRE, 1979, p. 42-43).

Não há amorosidade em um diálogo vertical, hierarquizado, dominante e opressor. O diálogo é também escuta ativa e atenta, é construção de confiança entre os sujeitos, de fé nos seres humanos capazes de transformação do mundo e da superação das relações de opressão. Na relação violenta da opressão é que se impede o diálogo, que

se massifica, que se desumaniza, que se aliena. Nas relações de opressão é que a

possibilidade de diálogo se suprime ou diminui intensamente e o homem fica vencido e dominado sem sabê-lo, ainda que possa crer livre. Teme a liberdade, mesmo que fale dela. Seu gosto agora é o das fórmulas gerais, das prescrições, que ele segue como se fossem opções suas. É conduzido. Não se conduz a si mesmo. Perde a direção do amor. Prejudica seu poder criador. É objeto e não sujeito (FREIRE, 2019, p. 87).

Há, em Freire, um método para a realização da educação, da ensinagem-aprendizagem: o diálogo. “Mas como realizar esta educação? [...] A resposta nos parecia estar: a) num método ativo, dialógico, crítico e criticizador; b) na modificação do conteúdo programático da educação; c) no uso de técnicas como a da redução e da codificação” (FREIRE, 2019, p. 140-141). E Freire (Idem) continua: “Somente um método ativo, dialógico, participante, poderia fazê-lo”, assim, é possível afirmar que uma educação amorosa é aquela do diálogo tendo-se em vista que “Precisávamos de uma pedagogia de comunicação com que vencêssemos o desamor acríptico do antidiálogo” (FREIRE, 2019, p. 142). É o antidiálogo que oprime, que massifica, que retira o ser humano do existir e o joga no viver.

Em *Extensão ou Comunicação?*, Freire (1983, p. 28, grifo do autor) afirma que “O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam e transformando-o, o humanizam para a humanização de todos”. Essa direção do amor que é o diálogo, é também a criticidade que dele advém, que permite ao ser humano fazer escolhas e tornar-se, nas palavras de Freire, um “ser mais”.

Para Paulo Freire, uma educação amorosa é aquela que integra os sujeitos na condução democrática da vida social; é motivada para a “análise do fundamento amoroso, humilde, esperançoso, crítico e criador do diálogo” (FREIRE, 2019, p. 164). A base de uma educação amorosa é o diálogo horizontalizado, atento. O diálogo, como expressão do amor, muda maneiras de pensar, tanto de quem “ensina” como de quem “aprende”. “E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, 1996, p. 160) porque “Ensinar exige querer bem aos educandos” (Idem, p. 159) e querer bem não é ser adocicado, como o próprio pensador afirma, querer bem é estar presente, comprometido, é ser sério sem ser autoritário, é ser ético e rigoroso no cumprimento do papel formativo que nos

cabe como educadores, é estimular e manter a criticidade e a criatividade, é lutar contra as injustiças.

Em “Carta de Paulo Freire aos professores”, Freire (2001, p. 259) afirma que

O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer. Alguns desses caminhos e algumas dessas veredas, que a curiosidade às vezes quase virgem dos alunos percorre, estão grávidas de sugestões, de perguntas que não foram percebidas antes pelo ensinante. Mas agora, ao ensinar, não como um burocrata da mente, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade – razão por que seu corpo consciente, sensível, emocionado, se abre às adivinhações dos alunos, à sua ingenuidade e à sua criatividade – o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender. O ensinante aprende primeiro a ensinar, mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado.

E uma educação amorosa deve ser assim: aberta, que não se apropria do outro, antes, é comprometida com o outro, é sinônimo de um encontro solidário. A práxis de uma educação amorosa pressupõe que aprendemos na relação com o aprendente e cujo esforço é dirigido à reconstrução da sociedade. É uma educação comprometida com a superação da dominação patriarcal, do racismo, do machismo, do sexismo, do determinismo, do silenciamento.

Freire considera que essa educação amorosa exige do professor, da professora o respeito “à pessoa do educando, à sua curiosidade, à sua timidez” (FREIRE, 1996, p. 74); exige o cultivo da humildade e da tolerância; exige conviver com o diferente; exige compromisso com o educando e com o próprio processo de formação.

Um professor amoroso, uma professora amorosa não deixam de ter rigor em sua prática pedagógica, mas o que os diferencia daquele professor rígido e autoritário é o diálogo, é a avaliação pensada como instrumento de apreciação do quefazer dos sujeitos aprendentes e da promoção do pensamento autônomo, crítico e criativo. A avaliação não pode ser silenciadora e nem pode ser instrumento de domesticação, antes, provocadora de mudanças.

Segundo Freire, todo professor e toda professora deixam uma marca em seus alunos.

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca. Daí a importância do exemplo que o professor ofereça de sua lucidez e de seu engajamento na peleja em defesa de seus direitos, bem como na exigência das condições para o exercício de seus deveres. O professor tem o dever de dar suas aulas, de realizar sua tarefa docente. Para isso, precisa de condições favoráveis, higiênicas, espaciais, estéticas, sem as quais se move menos eficazmente no espaço pedagógico. Às vezes, as condições são de tal maneira perversas que nem se move. O desrespeito a este espaço é uma ofensa aos educandos, aos educadores e à prática pedagógica (FREIRE, 1996, p. 73).

Uma educação amorosa é uma opção político-pedagógica, não lirismo ou sentimentalismo piegas, pois exige uma prática comprometida, coerente, sendo a amorosidade entendida como o respeito aos outros; exige tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça; a prática pedagógica não é feita apenas com ciência e técnica, mas com amorosidade e compromisso. Amorosa da liberdade e da vida, recusa a desumanização. Não é uma prática pedagógica panfletária, mas uma práxis, uma “marcha esperançosa dos que sabem que mudar é possível” (FREIRE, 2000, p. 61) porque os “corações amorosos se irmanam e fazem um mundo melhor” (Idem, p. 90).

Nestes tempos de pandemia vejo um misto de opressão e solidariedade, de falta de políticas públicas voltadas à população mais carente e discursos meritocráticos, vivemos tempos de uma onda ameaçadora de irracionalismo... Nas palavras de Freire (1982, p. 19), “O verdadeiro compromisso é a solidariedade”, o amor à vida e às pessoas, “abraçando a todos num único gesto amoroso” (Ibidem). E procuro tomar como ponto de reflexão uma frase de Paulo Freire numa entrevista³: “Eu sou um intelectual amoroso, e porque amo as pessoas e o mundo é que luto para que a justiça

³ <https://www.camara.leg.br/radio/programas/285321-especial-paulo-freire-1-o-intelectual-amoroso-0730/>

social se implante antes da caridade”. Não nos enganemos, nestes tempos veremos falsa generosidade vinda das mãos de opressores que, nas palavras de Paulo Freire, não passa de falta de amor ou de amor à morte, portanto, desamor. Ser amoroso é lutar pela justiça social, contra qualquer forma de perseguição, a favor do outro e da vida.

Amar é nosso verdadeiro destino. Nós não encontramos o significado da vida sozinhos, por conta própria – nós o encontramos com outros. –
Thomas Merton (Citado por bell hooks).

Referências Bibliográficas

- hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.
- FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estud. av.**, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-268, ago. 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200013&lng=pt&nrm=iso.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.
- TORRES, Carlos Alberto *et al.* **Reinventando Paulo Freire**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008. – (Série Unifriere).



Autora

Ofélia Maria Marcondes

filósofa e pedagoga. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP).

Atua como docente nos cursos de Licenciatura do Instituto Federal de São Paulo

(IFSP), Câmpus Registro. Líder do grupo de pesquisa Mandacaru: educação e

filosofia: < <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4273081596423963> >.

ORCID: < <https://orcid.org/0000-0002-2775-2785> >.

Plataforma Lattes: < <http://lattes.cnpq.br/3976550232672957> >.